

O sonho de angústia como um sonho fecundo

Lujan luale
Tradução de Maria Claudia Formigoni

Resumo

O sonho, formação do inconsciente que marcou um antes e um depois para Freud em sua obra, é ainda hoje para nós — analistas — uma fonte contínua de perguntas. Existem alguns que são repetitivos, insistentes e que, por isso mesmo, interpelam o sonhador. Existem os plácidos, os bizarros, os loucos. Aqui, nosso interesse está posto nos chamados sonhos de angústia, os quais apresentam certas especificidades que nos levam a nos ocuparmos com eles. Seu valor clínico é crucial, na medida em que a angústia orienta o analista por meio das derivas do real. O sonho de angústia como sonho de despertar nos leva a interrogar os limites do ciframento, a função da censura e, sobretudo, seu fracasso. Vamos distingui-los dos sonhos deformados e dos sonhos infantis. O eixo que atravessa a pergunta pelos sonhos é, sem dúvida, uma referência à localização do desejo e, especialmente, à posição do sujeito em relação a esse desejo. Trabalharemos em um breve recorte clínico, para abordar os sonhos que se repetem, seu vínculo transferencial e os efeitos que se desprendem quando são postos ao trabalho. Avançar em nossas investigações sobre a afetação do corpo na análise nos leva à angústia como afeto privilegiado, que, aqui, abordaremos na borda do sonho.

Palavras-chave:

Afeto; Angústia; Corpo; Desejo; Gozo; Sonho.

The anguish dream as a fertile dream

Abstract

The dream, the formation of the unconscious that marked a before and after in Freud's work, is still today for us — analysts — a continuous source of questions. There are some that are repetitive, insistent and, for this reason, question the dreamer. There are the placid, the bizarre, the crazy. Here, our interest is placed in anguish dreams, which have certain specificities that lead us to occupy ourselves with them. Its clinical value is crucial because anguish guides the analyst through the drifts of the real. The anguish dream as a dream of awakening leads

us to question the limits of encryption, the function of censorship and, above all, its failure. Let's distinguish them from deformed dreams and children's dreams. The axis that crosses the question by dreams is undoubtedly a reference to the location of the desire and especially to the position of the subject in relation to this desire. We will work in a brief clinical case, to address the dreams that are repeated, their transference link and the effects that are released when they are put to work. Advancing in our investigations on the affectation of the body in the analysis leads us to anguish as a privileged affection, which, here, we will address at the edge of the dream.

Keywords:

Affect; Anguish; Body; Desire; *Jouissance*; Dream.

El sueño de angustia como sueño fecundo

Resumen

El sueño, formación del inconsciente que marcó para Freud un antes y un después en su obra, es aún hoy para nosotros — analistas — una fuente continua de preguntas. Los hay repetitivos, insistentes, y que — por esto mismo — interpelan al soñante. Los hay plácidos, bizarros, locos. En esta oportunidad nuestro interés está puesto en los llamados sueños de angustia, los cuales presentan ciertas especificidades que nos llevan a ocuparnos de ellos. Su valor clínico es crucial, en la medida en que la angustia orienta al analista por las derivas de lo real. El sueño de angustia como sueño de despertar nos lleva a interrogar los límites al ciframiento, la función de la censura y sobre todo su fracaso. Los distinguiremos además de los sueños desfigurados y de los sueños infantiles. El eje que atraviesa a la pregunta por los sueños es sin duda, una referencia a la localización del deseo, y sobre todo, a la posición del sujeto respecto de ese deseo. Por otro lado, trabajaremos un breve recorte clínico para abordar los sueños que se repiten, su enlace transferencial y los efectos que se desprenden cuando se los pone al trabajo. Avanzar en nuestra investigación sobre la afectación del cuerpo en el análisis nos lleva a la angustia como afecto privilegiado, que en esta oportunidad, abordaremos en la orilla del sueño.

Palabras clave:

Afecto; Angustia; Cuerpo; Deseo; Goce; Sueño.

Le rêve d'angoisse comme rêve fécond

Résumé

Le rêve, la formation de l'inconscient qui a marqué un avant et un après pour Freud dans son œuvre, est encore aujourd'hui pour nous — analystes — une source continue de questions. Il y en a qui sont répétitifs, insistants et qui — pour cette raison même — interpellent le rêveur. Il y en a des placides, des bizarres, des fous. A cette occasion, notre intérêt se porte sur les rêves d'angoisse, qui présentent certaines spécificités qui nous emmènent à les traiter. Sa valeur clinique est cruciale, dans la mesure où l'angoisse guide l'analyste à travers les dérives du réel. Le rêve d'angoisse comme rêve d'éveil nous amène à interroger sur les limites du chiffrement, la fonction de la censure et surtout son échec. On les distinguera également des rêves défigurés et des rêves d'enfants. L'axe qui traverse la question du rêve est sans doute une référence à la localisation du désir, et surtout, à la position du sujet par rapport à ce désir. D'autre part, nous travaillerons sur une brève synthèse clinique pour aborder les rêves qui se répètent, leur lien transférentiel et les effets qui se détachent lorsqu'on les met à travailler. Avancer dans notre recherche sur l'affectation du corps dans l'analyse, nous amène à l'angoisse comme affect privilégié, que, à cette occasion, nous travaillerons au bord du rêve.

Mots-clés :

Affect ; Angoisse ; Corps ; Désir ; Jouissance ; Rêve.

O sonho, formação do inconsciente que marcou para Freud um antes e um depois em sua obra, é ainda hoje para nós — analistas — uma fonte contínua de perguntas. Devaneios, sonhos, pesadelos discorrem no relato de nossos analisantes e ganham forma na transferência. Algumas vezes, apresentam-se seguindo certa lógica sequencial, factível de ser reconhecida somente *a posteriori*. Outras vezes, parecem ser elos isolados. Há os repetitivos, insistentes e que, por isso mesmo, interpelam o sonhador. Há os plácidos, bizarros, loucos. Aqui, nosso interesse está colocado nos chamados sonhos de angústia, os quais apresentam certas especificidades que nos levam a nos ocuparmos deles. Seu valor clínico é crucial, na medida em que a angústia orienta o analista pelas derivas do real.

Como sabemos, a pergunta pelo estatuto dos sonhos de angústia acompanhou Freud ao longo de sua obra. Isso porque sua tese acerca do sonho como realização de desejo parecia ficar impugnada por esses sonhos, junto com os sonhos punitivos ou de autocastigo e também os chamados sonhos traumáticos. Por isso, Freud (1900/1996, p. 608) chama os sonhos de angústia de “prova contrária”. O

capítulo de “A interpretação dos sonhos” no qual encontramos essa interessante designação tem como título “O despertar pelos sonhos”. Nele, Freud denuncia uma contrapartida do sonho como guardião do sono e desses sonhos que, paradoxalmente, despertam. Despertar do sonhador, impossibilidade de continuar dormindo, encontro com o tíquico.

Lembremos que o desejo se realiza de maneira deformada no sonho e que a pulsão se satisfaz a partir de uma economia em que a censura faz seu trabalho, evitando, assim, o aparecimento de angústia ou de outro afeto penoso. A irrupção da angústia, então, é signo do fracasso da censura, de seu avassalamento total ou parcial pelas pulsões que lutam por se satisfazerem. É também indício da detenção das possibilidades de deformação que permitem que o sonho siga seu curso. Freud não hesita em designar os sonhos de angústia como sonhos de despertar e destaca que são o caso-limite da operação anímica. Os afetos penosos, por sua vez, não destituem necessariamente o guardião do sono. Talvez porque efetivamente são afetos enganosos. Podemos chorar longamente dormindo e não acordamos. O que nos desperta? O que nos permite continuar dormindo?

Os sonhos de angústia se inscrevem no litoral do sonho, nessa borda em que o sonhar alcança seu limite. Em sua *Conferência XIV*, que tem como título *Realização de desejo*, Freud (1916/1996) volta a insistir na relação entre sonho de angústia e desejo. Distingue três tipos de sonhos:

1. O sonho infantil: realização franca de um desejo permitido.
2. O sonho deformado: realização disfarçada de um desejo reprimido.
3. O sonho de angústia: realização franca de um desejo reprimido.

Freud não deixa de lado sua tese do sonho como realização de desejo. Porém, o problema não está somente no desejo, mas também no véu que o ciframento pode outorgar. A angústia que irrompe no sonho implica que o ciframento se reduziu à sua expressão mínima, sendo essa angústia o último bastião com o qual se defender. A quantidade de afeto que configura a angústia opera como a última muralha defensiva, substitui a censura. Um pouco mais e toparíamos com o real.

Freud esclarece que, definitivamente, todo sonho é um sonho infantil. Há aí outro giro interessante. Tanto no sonho infantil propriamente dito quanto no sonho de angústia, trata-se de um desejo franco, o que muda é o estatuto do desejo: permitido ou reprimido, conforme o caso. Entre ambos os estatutos do desejo, interpõe-se a posição do sujeito. Diz:

A observação consiste em que os sonhos de ansiedade¹ frequentemente têm um conteúdo, por assim dizer, que escapou à censura. Um sonho de ansiedade, muitas vezes, é a realização indisfarçada de um desejo — não, naturalmente, de um desejo inaceitável, mas de um desejo repudiado. A geração da ansiedade assumiu o lugar da censura. Ao passo que de um sonho infantil podemos dizer ser ele a realização franca de um desejo permitido, e de um sonho deformado como sendo a realização disfarçada de um desejo reprimido, a única fórmula adequada a um sonho de ansiedade consiste em que esse é a realização do desejo reprimido. (Freud, 1916/1996, p. 218)

Até aqui, temos a distinção antes mencionada. Três modulações do sonho que se distinguem em função da presença-ausência de deformação, a operação ou não da censura, o estatuto conferido ao desejo. E acrescenta:

A ansiedade é um sinal de que o desejo reprimido se mostrou mais forte que a censura, que ele levou a cabo, ou está a ponto de levar a cabo, sua realização de desejo, apesar da censura. Percebemos que aquilo que para o desejo é uma realização de desejo para nós só pode ser, uma vez que estamos do lado da censura, motivo de sentimentos angustiantes e de repulsa ao desejo. A ansiedade que emerge nos sonhos é, se preferem, ansiedade em face da força desses desejos que normalmente estão sob controle. A razão por que essa repulsa aparece na forma de ansiedade não pode ser descoberta apenas a partir do estudo dos sonhos; a ansiedade deve ser estudada, evidentemente, em outro contexto. Podemos supor que aquilo que é verdadeiro para os sonhos de ansiedade não deformados também se aplica àqueles parcialmente deformados, assim como a outros sonhos desprazíveis, nos quais os sentimentos desagradáveis provavelmente correspondem a uma aproximação da ansiedade. Sonhos de ansiedade, em geral, são também sonhos que fazem despertar; habitualmente, interrompemos nosso sono antes que o desejo reprimido, no sonho, tenha executado a realização completa, apesar da censura. Nesse caso, a função do sonho fracassou, mas sua natureza essencial não foi modificada com isso. Temos comparado os sonhos com o vigia noturno, ou guardião do sono, que procura proteger nosso sono contra perturbações [p. 132]. O vigia noturno também pode chegar ao ponto de acordar a pessoa que dorme, sente-se que é por demais fraco para, sozinho, afugentar a perturbação ou o perigo. Ainda assim, às vezes conseguimos continuar nosso sono, mesmo quando o sonho

¹ Na tradução oficial da Imago, a palavra *angst* foi traduzida por ansiedade. Mas outros tradutores, inclusive o próprio Lacan, traduzem por angústia. (N.T.)

começa a ficar inseguro e a transformar-se em ansiedade. Dizemos a nós mesmos, em nosso sono, “afinal, é apenas um sonho” e continuamos dormindo. (Freud, 1916/1996, pp. 218-219)

Devemos enlaçar aqui a tese de Lacan (1962-1963/2005) do *Seminário 10* acerca da angústia como sinal do real — afeto que não engana — e que leva ao despertar. É preciso também discernir o traço do significante. Nesse mesmo seminário, Lacan (1962-1963/2005, pp. 75 e 168) destaca que o significante é traço apagado e refere que, nas chamadas neuroses de angústia, ele retorna ao estatuto de traço. Essa coordenada nos põe na pista dos processos de escrita. Nos sonhos de angústia, o traço remete, em termos freudianos, ao signo perceptivo, que, em sua forma extrema, ganha esse caráter vívido, quase alucinatório, que arreperia a pele.

A angústia fecunda

Um homem jovem chega às sessões porque tem medo de voar. Cada vez que viaja, precisa tomar remédio para encarar o voo. Antes que o remédio faça efeito, repete a si mesmo, com insistência: “Não olhe para baixo.” Perturba-o, particularmente, saber que, uma vez que está voando, não há como sair e que “é o outro que dirige”.

A esse medo de voar acrescenta-se uma inibição. Diz sentir-se “preso” profissionalmente, apesar de ter se formado sendo bem jovem. Destaca também que sua cabeça não para e que sempre se preocupa com que algo de mau possa acontecer. Uma série de representações obsessivas irrompem com maior ou menor ferocidade frequentemente.

Quando lembra o tempo da vida familiar — junto a seus pais e irmãos —, repete mais de uma vez: “Eu tive uma infância feliz.” Entretanto, vez ou outra surgem cenas “pouco felizes”, referidas fundamentalmente à relação com seus pais. Cenas em que a imposição de limites ia das “brincas” desmedidas até algum castigo físico.

Sua mãe faleceu há muitos anos. Descreve-a como uma mulher muito bonita e íntegra, de quem esteve distante porque, quando tinha 20 anos, foi expulso de casa em razão de uma discussão. Fala da culpa que sente por ter estado pouco com sua mãe em seus últimos momentos, ainda que se lembre de que a acompanhou ao final e pôde dizer-lhe que a amava.

A relação com o pai, por sua vez, é conflituosa. Constrói uma série na qual amarra várias cenas — partes importantes de sua vida —, nas quais o pai não o acompanhou: durante sua graduação; em sua formatura, à qual só foi porque a mãe o obrigou; e no fato de não aceitar sua escolha amorosa e, por isso, não ter participado de nada relacionado com seu casamento. Descreve-o como um homem irascível e teimoso, que não cede em nada.

Uma conjuntura se apresenta: o analisante vai ser pai. Chega um dia à sessão tomado por muita angústia, a qual se apresenta como palpitações e com o sintoma recorrente de “não conseguir parar de pensar”. “Algo ruim vai acontecer” é um pensamento que se lhe impõe, ao mesmo tempo que se vê compelido a pedir que “não aconteça nada de mau com o bebê”.

Esses pensamentos recrudesceram e se descontrolaram desde que soube que sua mulher estava grávida. Diz também que não contou nada a seu pai, porque há meses não fala com ele e, além disso, sabe que ele não ficará feliz. Comenta sentir saudade do avô, falecido recentemente e com quem tinha um vínculo muito amoroso.

Quando questiono por que acredita que esse pensamento — “algo ruim vai acontecer” — se apresenta, diz: “é como um castigo por ter feito algo de mau”. Intromete-se aqui o caráter sexual, ao qual fará referência. Pergunto a que se refere com “algo mau”, e ele associa ao imprevisto. Assinalo: “o que não se pode controlar”.

Traz uma cena. “Eu tinha uns 14 ou 15 anos. Subi no telhado da minha casa; era uma casa de dois andares. Não sei por que o fiz. Tinha curiosidade. Queria ver como era a vista de lá de cima. Meu pai me viu. Me olhou e disse: ‘desce daí’. Quando desci, me deu uma bofetada tão forte que me jogou no chão, e começou a me chutar.” Conta essa cena com muita vergonha. Assinalo: “O perigo não estava lá em cima.” Surpreende-se. Acrescento que aquilo temido parece ser o descontrole do pai, sua ira.

Na sessão seguinte, conta que ficou mais aliviado. Diz: “Foi muito dura a última sessão e, ao mesmo tempo, me aliviou.” Comenta que os pensamentos diminuíram e acrescenta: “Da vez passada, não te contei que antes da sessão tive um sonho que se repetiu várias vezes.”

Advém pela primeira vez o relato de um sonho de repetição: “Sonho que estou andando, não sei bem onde, mas sempre faço o mesmo caminho. Vou por umas ruas rodeadas de prédios, viro sempre na mesma esquina à direita e sinto que um homem me segue. Chego a um lugar em que me detenho, e o homem, a quem não vejo, porque está atrás de mim, diz para que eu não olhe para cima. Sei que há edifícios altos. Obedeço. Tenho medo de que algo lá de cima caia em mim. Acordo.”

Conclui o relato do sonho e acrescenta que depois da sessão teve de novo o mesmo sonho, mas que foi diferente. “Estou andando, faço o mesmo caminho, tudo igual. Mas, quando o homem me diz para não olhar para cima, decido olhar. Vejo que o prédio é só uma estrutura vazia. Nesse momento, cai um pássaro, que não pode me fazer dano, em cima dos ramos de uma árvore morta. Não sinto medo, nada de mau pode me acontecer. Acordo.”

Seria, por acaso, o mesmo despertar o do primeiro relato e o do segundo? O primeiro sonho possibilitou o relato da cena traumática, na qual o Outro vem para cima dele; é o pai que bate, o que faz consistir o Outro do gozo. Apesar de o analisante ter trazido outras lembranças em que o pai, ou até mesmo a mãe, ti-

nam batido nele, a segunda cena, pós-adolescência, é confessada com vergonha. O analisante tinha sonhado novamente dias antes da sessão na qual relatará a cena com o pai. Entretanto, seu relato é posterior.

O segundo sonho introduz o deslocamento metonímico, que vai do medo ao homem que espia — o pai — ao pássaro que cai sobre a árvore morta e não pode machucá-lo. Dos tapas do pai que caem sobre ele, do próprio sujeito caído sob os tapas do pai, do medo de cair em um voo, a poder se deslocar sem estar em perigo. Portanto, podemos pensar que o segundo despertar introduz uma operação de esvaziamento, fura o Outro, mostra sua inconsistência, ao mesmo tempo que produz um ciframento.

A voz exige, uma e outra vez, obediência. Todavia, a posição do sujeito se modifica: o olhar configura a cena, em que ele já não fica tomado como objeto.

Enquanto o primeiro despertar responde à irrupção de um real que busca a escrita, traço que tenta advir significante para poder se precipitar em letra, o segundo propicia um corte, algo cessa de não se escrever. Interpelação do gozo do Outro como gozo fantasmático, que não se configura sem a participação do Outro e a resposta do sujeito. No livro *Versões del goce del Otro* (Iuale, 2019), ocupei-me de discernir o lugar privilegiado que tem o outro dos primeiros cuidados na configuração da resposta fantasmática.

Manter-nos no fio da angústia é a indicação que Lacan nos dá no *Seminário 10*. Manter-nos no fio para torná-la fecunda, para que passe de angústia que paralisa o neurótico à antessala do ato, do ciframento, ou da abertura de uma pergunta. A angústia nos concerne, afeta-nos e, sobretudo, não nos permite continuar sustentando a política do avestruz.

Referências bibliográficas

- Freud, S. (1996). A interpretação dos sonhos (II). In S. Freud. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. V). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1900)
- Freud, S. (1996). Conferência XIV: realização de desejo. In S. Freud. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. XV, pp. 215- 228). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1916)
- Iuale, L. (2019). *Versões del goce del Otro*. Buenos Aires: Escabel.
- Lacan, J. (2005). *O seminário, livro 10: a angústia*. Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1962-1963)

Recebido: 01/11/2024

Aprovado: 15/11/2024